

Brasília, 16 de julho de 2026
Festa de Nossa Senhora do Carmo

Carta aberta aos católicos de Brasília

Ao Eminentíssimo Sr. Cardeal Dom Paulo Cézar Costa
Arcebispo Metropolitano de Brasília

Aos Fiéis da Arquidiocese de Brasília, principalmente
aos fiéis da Capela Santo Atanásio

Depois de tomar conhecimento da “Nota Pastoral sobre a situação da denominada “Capela Santo Atanásio” e do Revdo. Padre Françoá Rodrigues Figueiredo Costa”, do dia 10 de julho de 2026 (Prot. Gab. N. 150/2026), assinada pelo Arcebispo Metropolitano de Brasília, o Cardeal Paulo Cézar Costa, as primeiras palavras que vêm à minha alma são as mesmas do Apóstolo São Paulo: **“omnia sustineo propter electos” (2 Tm 2,10)**, como reza o lema episcopal do Senhor Cardeal de Brasília: **“tudo soffro pelos escolhidos”**.

Diferentemente da maioria das autoridades da Igreja, há tempo soffro pelos escolhidos, pois, nesses 22 anos de sacerdócio, não me dobrei ao “status quo” por causa de benefícios e cargos. Tive que enfrentar diversos bispos para defender a minha própria consciência enquanto amarrada à fé católica, tive que entrar em conflitos com sacerdotes e leigos por causa daquilo que vale a pena: a nossa fé católica, a única que nos dá a vida eterna. É verdade, eu creio no dogma de fé que afirma que “fora da Igreja Católica não há salvação”; por outro lado, vemos que as autoridades da Igreja nele já não creem e, por isso, caem em outras heresias.

Exatamente porque acredito em todas e em cada uma das verdades católicas, denunciei, nesta Arquidiocese, eventos de macumba em templos católicos, seja em uma Paróquia de Sobradinho, em setembro de 2022, seja um outro realizado dentro da própria Catedral de Brasília, no dia 9 de novembro de 2023. No dia 13 de novembro, a Arquidiocese apenas emitiu uma Nota conciliadora. Como eu denunciei e o meu vídeo na época, em pouco tempo, viralizou, recebi uma ligação de alguém que falava em nome do Senhor Arcebispo para que eu retirasse o vídeo, o que, na época, eu fiz, pois talvez eu acreditasse na obediência cega que eles tanto apregoam.

Quando ainda era administrador paroquial da Paróquia Senhor Bom Jesus, de 2021 a 2024, também preguei contra os erros protestantes. Fui denunciado à Arquidiocese. O que fizeram? Em lugar de sustentarem o combate pelo seu sacerdote, um padre que trabalhava na sua Arquidiocese, um dos seus bispos auxiliares, Dom Denilson, veio me chamar a atenção, corrigindo-me. Não entendi.

Estava em uma paróquia católica, com um grupo de católicos, pregando sobre um texto do Evangelho que fala dos “irmãos” de Jesus, que não são filhos da sempre Virgem Maria, e... recebo uma correção por pregar catolicamente?

Trabalhei por quatro anos na Arquidiocese de Brasília, na plena comunhão com o Senhor Arcebispo, nas Paróquias Santíssima Trindade (Ceilândia), Nossa Senhora Aparecida (Samambaia) e Senhor Bom Jesus (Ceilândia); fui também escolhido pelos padres para representar todos os padres da Ceilândia em questões pastorais e de coordenação. Mesmo colaborando tanto com esta Arquidiocese, quando eu coloquei uns papéis dentro do Missal Romano que traziam a tradução ao latim daquilo que estava em português, fui retirado da Paróquia Senhor Bom Jesus em 2024. Na conversa que tive com S. Ema. Revma., D. Paulo César, ele, mesmo dando a entender que eu era um bom padre, ou pelo menos assim o entendi eu, diante da acusação que fora feita contra mim na CNBB, ele não conseguiu sofrer pelo seu sacerdote, defendendo-o; não, Dom Paulo, não percebemos o seu sofrimento pelos eleitos.

Certamente, a grande maioria desses bispos modernos não sofrem pelos eleitos, sofrem-no pelas suas posições, pelos seus cargos, pela própria carreira. Assim como há padres que sempre querem uma paróquia melhor, a vaidade dos nossos bispos sempre deseja uma diocese melhor. Lembro-me do filme “Prefiro o Paraíso”, que retrata a vida de São Felipe Neri, o qual, diante da mitra episcopal que lhe ofereciam, o santo homem de Deus preferiu não complicar a própria salvação eterna com esses cargos nos quais a omissão é algo grave. São Felipe Neri, desprezando a oferta de ser bispo, não a aceita e diz: “eu prefiro o Paraíso”.

E, contudo, **a estrutura hierárquica da Santa Igreja Católica necessita do Papa e dos Bispos.** Nosso Senhor Jesus Cristo fundou a Igreja Católica, tendo Pedro e, por ende, o sucessor de Pedro, à cabeça da Igreja, hoje o Papa Leão XIV. Quis Jesus Cristo que os demais Apóstolos fossem sucedidos no Episcopado católico. Sendo assim, a Igreja de Deus é governada pelo Papa e, recebida a jurisdição do Papa, os bispos governam determinadas porções da Igreja Católica; no caso de Brasília, o seu Pastor próprio é, indubitavelmente, Dom Paulo César Costa. Fugindo das nefastas teorias sedevacantistas, nós, católicos (tradicionais), vinculados à Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX), rezamos em cada Santa Missa pelo Papa e pelo Bispo local, no nosso caso, por Dom Paulo César. Somos católicos e queremos morrer como bons católicos, bons filhos da Igreja.

O Senhor Arcebispo de Brasília fez sua Nota Pastoral para esclarecer a situação da Capela Santo Atanásio, situada na Ceilândia (DF), e do Pe. França Costa. **Em seguida, em razão das Sagrações Episcopais, acontecidas no dia 1º de julho de 2026, em Écône (Suíça),** conferidas a quatro sacerdotes da FSSPX, Dom Paulo César me declarou **cismático e excomungado**, pelo fato de eu aderir formalmente às mesmas posições doutrinárias da Fraternidade São Pio X. Se bem é

verdade que adiro formalmente às mesmas posições doutrinárias da FSSPX, por serem genuinamente católicos, não é verdade que eu seja cismático nem excomungado.

Apesar dessas declarações, sobre a minha comunhão com Deus ninguém pode me julgar, pois, neste foro interno, “quem me julga é o Senhor” (1 Cor 4,4). Mesmo assim, estou atento ao dogma da fé que diz que ninguém pode saber com toda a certeza se está ou não em graça de Deus, a não ser por especial revelação de Deus. Se bem é verdade que a causa se manifesta nos seus efeitos, posso afirmar que percebo uma segurança enorme nessas posições doutrinárias católicas que Deus colocou na minha alma, a tal ponto de nada temer a não ser a perdição eterna da minha alma, e a daqueles que me foram confiados, por não atender ao que Deus me chama.

Talvez eu me manifeste, desta forma, um pouco teimoso. Apesar de eu não ser santo, sou consciente que houve na história da Igreja vários **santos que se opuseram a determinações da hierarquia em momentos bem precisos, como Santo Atanásio e Santa Joana D’Arc**, e que foram condenados por autoridades de sua época, mas depois tudo se reconheceu e, para a glória de Deus e a exaltação da fé católica, hoje são grandes santos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Católica.

Quanto ao foro externo, **não me consta tampouco que eu tenha perdido a comunhão com a Igreja, nem que esta comunhão esteja ferida**. Professo a Fé Católica em toda a sua santa integridade: aceito todos os dogmas ou verdades de fé divina e católica e não combato nenhuma dessas verdades salutares. Muito pelo contrário, é pela fé católica, tal como os nossos Santos e Veneráveis Padres nos transmitiram, que eu combato. A minha luta é totalmente doutrinal: quero a fé católica, a Roma eterna, a fé de sempre. Sendo assim, ninguém pode me condenar por heresia ou por defender qualquer coisa que fira a minha catolicidade. Evidentemente, se alguma coisa falei ou escrevi que vá contra o sentir da Santa Igreja Romana, rejeito uma tal tese como iníqua e perversa e me retrato imediatamente.

Os fiéis da Capela Santo Atanásio e eu não somos cismáticos, pois o cisma é “a rejeição da submissão ao Sumo Pontífice ou da comunhão com os membros da Igreja a ele sujeitos”, conforme o Código de Direito Canônico (CDC), no C. 751. Todos nós, católicos (tradicionais) nos submetemos ao Papa em tudo aquilo que é católico, que é o objeto próprio da submissão ao Romano Pontífice; além do mais, rezamos pelo Papa Leão XIV em cada Santa Missa e em outros momentos. Tampouco nos furtamos à comunhão com os membros da Igreja Católica, mas esta será sempre para nós a *comunhão real*, isto é, na Fé, nos Sacramentos e no Regime da Igreja; não se trata de comunhão em coisas opináveis

e que frequentemente minam a Fé católica, quando por vezes inclusive atacam diretamente esta mesma Fé.

Efetivamente, negar a corredenção de Nossa Senhora ou sua mediação, como fez o Dicastério para a doutrina da fé, não é algo católico; abençoar o pecado contra a natureza, como defendeu o Cardeal Fernández, não é católico; dar a comunhão aos adúlteros, como defendeu o Papa Francisco, não é católico; celebrar aniversários “matrimoniais” de pessoas do mesmo sexo, como fez o Cardeal Radcliffe, não é católico; combater o sacerdócio enquanto reservado somente aos homens, como afirma o Cardeal Hollerich, não é católico; enfraquecer o celibato sacerdotal, como faz o Cardeal Reinhard Marx, com vias a eliminá-lo, não é católico. Cardeais? Bispos? Exatamente, são cardeais e bispos a trabalhar contra a Fé Católica. Somente uma obediência cega e bastarda poderia aceitar tais infâmias contra o Depósito Sagrado da nossa Fé.

Talvez seja a primeira vez que Dom Paulo Cézar tem a oportunidade de expulsar um sacerdote por ser católico.

De fato, o que a Arquidiocese de Brasília teve de fazer com certa frequência foi expulsar sacerdotes por escândalos morais, como foi o caso do Pe. Delson Zacarias, que se encontrava numa paróquia do Lago Sul, condenado a mais de 44 anos de prisão por abusos sexuais e estupro em série entre 2014 e 2021; do Pe. José Maria, de uma Paróquia da Asa Sul, filmado enquanto praticava atos libidinosos homossexuais; dos Padres Freis Hoslan Guedes e Alex Nuno, investigados por abusos a menores aqui no contexto de uma paróquia da Ceilândia; etc. com muitos etc.

Os bispos tampouco escapam da mesma cegueira moral. Talvez o mais escandaloso entre eles tenha sido o caso Dom Valdir Mamede, nomeado bispo auxiliar de Brasília e depois bispo de Catanduva (SP). Dom Valdir foi do alto clero da Arquidiocese: pároco em pelo menos 3 paróquias de Brasília, professor de Direito Canônico no Seminário, presidente do tribunal eclesiástico de Brasília, entre outras funções. Estando em altos cargos nesta Arquidiocese, foi elevado ao Sagrado Episcopado, certamente para desonrá-lo; de fato, Dom Valdir agora é réu em São Paulo após denúncia do Ministério Público por importunação sexual contra um padre.

Não me são desconhecidos documentos contra alguns senhores bispos, nos quais suas reputações tampouco ficam ilibadas. Mas não exporei nada nesta Carta Aberta se antes não se encontrarem já publicadas; de fato, os casos anteriormente descritos podem ser encontrados em vários meios de informação, máxime no jornal Metrôpoles, cuja capacidade para juntar escândalos de padres é significativa em Brasília.

Quanto a mim, não me consta que nesses 22 anos de sacerdócio eu tenha me unido nem com uma mulher, nem com um homem, nem com uma criança, tampouco me consta que eu tenha roubado alguma paróquia, como foi o caso escandaloso de corrupção envolvendo padres e militares, que aconteceu numa Capelania Militar da Asa Norte. Enfim, como não me podem condenar por escândalos, procuram expulsar-me por ser católico.

O Senhor Arcebispo de Brasília está certo: **desde o dia 5 de abril de 2025 considero-me, prévia aceitação dos Superiores da FSSPX, vinculado a esta mesma Fraternidade Sacerdotal São Pio X.**

Eu não aguentava mais esse sistema perverso contra a fé católica instaurado pelo modernismo, pelo Concílio Vaticano II e pelos senhores bispos da CNBB; não suportava mais rezar aquela Missa protestantizada de Paulo VI; já me davam nojo aqueles encontros ecumênicos, que eu tinha que abençoar a pedido episcopal; não suportava mais ter que calar sobre o reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo no contexto da Igreja Conciliar do Vaticano II; asfixiava-me a falsidade com a qual tínhamos que agir perante os bispos para que eles nos deixassem viver um pouco a nossa fé católica e ter uma paróquia; cansava-me ter que passar de paróquia em paróquia, trabalhando nelas uma “maquiagem católica”, já que não me permitiam transformá-las em paróquias verdadeiramente católicas.

O que se vive hoje na nova Igreja Católica, sinodal, modernista, globalizada, afeminada, é uma farsa; desta Igreja conciliar, que espalha a morte das almas, eu mesmo me excluo e nada tenho a ver com ela. Ao mesmo tempo, sou consciente que a Igreja Conciliar Sinodal, a atual Igreja Católica modernista, é um parasita que cresceu utilizando as estruturas desta árvore frondosa, que é a Igreja Católica, a verdadeira. De fato, “é ridículo e desonra bastante abominável sofrer a destruição das tradições que recebemos, desde a antiguidade, dos nossos antepassados (*Decretais*, XII, citadas por Santo Tomás de Aquino, *S. Th.* I-II, 97, 2).

A luta da Fraternidade Sacerdotal São Pio X é para arrancar esse parasita colegial-sinodal chamado a Outra Igreja Católica, a Modernista. Identificado com essa luta, vinculei-me à FSSPX, consciente de que ela, seguindo as pegadas de seu fundador, Dom Marcel Lefebvre, luta pela Roma eterna, pela verdadeira Igreja Católica, pela restauração de todas as coisas em Cristo, pelo triunfo da Fé Católica, pela exaltação do Papa e dos bispos, pelo bem das almas, pelo reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo. Qualquer bispo coerente, qualquer padre reto, deveria unir-se às posições da Fraternidade Sacerdotal São Pio X sem perder tempo. Afinal de contas, como fiéis, somos filhos da Igreja, nossa Mãe; como sacerdotes, somos esposos da Igreja, porém no único esposo Nosso Senhor Jesus Cristo. Seja como filho, seja como esposo, não posso ficar indiferente à minha mãe, à minha esposa; nenhum sacerdote deveria se acovardar diante da sexta-feira santa da Igreja.

As Sagrações Episcopais do dia 1º de julho de 2026 foram pela salvação das almas e a Igreja Católica as defende: “Dado que desde o Concílio Vaticano II até hoje, as autoridades da Igreja têm sido animadas por um espírito contrário ao da Fé e agem contra a santa Tradição – “já não toleram a sã doutrina, desviando os ouvidos da verdade para se voltarem para os mitos”, como diz São Paulo a Timóteo na sua segunda epístola (IV, 3-5) – consideramos diante de Deus que é um dever sagrado para com a santa Igreja e para com as almas proceder à consagração de bispos plenamente fiéis à santa Tradição e ao constante Magistério da Igreja”. Estas belas palavras foram lidas quando se perguntou se as Sagrações de 2026 constavam do Mandato Apostólico. Precisamente, por causa dessas Sagrações sem o Mandato Papal somos penalizados (CDC, C. 1382).

Tanto o estado grave de necessidade (CDC, C. 1323), como a convicção que temos (*boa fé*) da importância de que as Consagrações Episcopais da FSSPX são para o bem das almas e de toda a Igreja Católica (CDC, C. 1324), **fazem com que as Sagrações não tenham acarretado excomunhões válidas** nem para os bispos sagrantes nem para os que foram sagrados, nem para os padres nem para os religiosos, nem para os demais fiéis, nem para qualquer pessoa que apoie ou se una formalmente às tais posições doutrinárias da Fraternidade Sacerdotal São Pio X. Se bem é verdade que tudo isso leva a uma aparência de excomunhão, trata-se de uma miragem, pois a realidade é esta: não houve excomunhões.

Essas Sagrações Episcopais tampouco constituíram ato cismático, já que realizar sagrações episcopais contra a vontade do Papa não se enquadra nos delitos contra a unidade da Igreja, entre os quais o cisma, mas nos delitos contra os cargos eclesiais, segundo o Código de Direito Canônico (CDC), Liv. VI, II, Títulos I e III. Verdade é que tê-los sagrado sem a autorização do Papa pôde ter sido uma desobediência, mas, mesmo neste caso, não o foi, já que, estando as coisas neste estado de grave necessidade, **“importa antes obedecer a Deus que aos homens”** (At 5,29).

Até o momento reafirmamos que **não estamos nem excomungados, não realizamos nenhum cisma e nem sequer desobedecemos** se se entende bem a virtude da obediência.

É fato: **não podemos aceitar os erros do Concílio Vaticano II**, entre eles, a liberdade religiosa, o ecumenismo, o humanismo horizontal, a reforma da Missa, a colegial-sinodalidade. Se as condições para aceitar *estar em plena comunhão* com a Igreja é a aceitação do Concílio e da Missa nova, ficaremos “de fora” por mais um tempo. Em efeito, inclusive esse conceito de “plena comunhão” é falho: ou se é católico ou não se é católico, mas não se pode ser “um pouquinho” católico. De nossa parte, **somos católicos, nem excomungados nem cismáticos**. A nossa consciência está tranquila.

Ao adentrar mais na tradição católica, analisei algumas coisas. Vejamos através de um fato: até 1960, o Brasil era 94% católico, em 2026 o Brasil conta com uma população apenas 50% católica. O que aconteceu? Por que a “primavera” do Concílio Vaticano II não conseguiu parar esta avalanche? Se agora a Missa está traduzida à língua vernácula, se o padre olha para o rosto do povo na celebração, se todos podem ler e cantar à vontade, se a evangelização acontece inclusive porta a porta, se os padres são mais “atualizados” (*aggiornati*), se as freiras e os sacerdotes se vestem como leigos, se os homossexuais na Itália já podem ser seminaristas e padres, se os padres no Brasil e no exterior oferecem diversas versões da “fé cristã”... Por que não se produziu a primavera prometida?

Por que o que vemos é um “inverno” de vocações, trevas no sacerdócio, vazio na vida religiosa, abismos nas pessoas que se afastam cada vez mais da igreja, nuvens negras contra a autoridade da Igreja e de seus pastores? Por que? Cadê a primavera? Cadê o otimismo do Papa João XXIII?

Novas perguntas me são impostas: onde ficou o nosso diálogo com o mundo? Qual o fruto das nossas catequeses “maravilhosas” nas últimas décadas? Como podemos perceber que rezar a Missa em português, com o “entendimento de todos”, foi muito evangelizador para a vida da Igreja? Será que conseguimos perceber que o diálogo entre o sacerdote e a assembleia na Santa Missa em lugar de aumentar a participação nas Missas, diminuiu a presença do povo católico no Santo Sacrifício da Missa? Mais ainda, será que algumas Missas celebradas ainda são Missas, expressam verdadeiramente o sacrifício de Cristo na Cruz, conforme 1 Cor 11,26-28?

O problema é o “espírito do Concílio Vaticano II” distinto da “letra” deste mesmo Concílio? Durante muito tempo, eu, padre há 22 anos (completá-los-ei no dia 8 de dezembro de 2026), fiz questão de entender e distinguir o espírito da letra do Concílio. Procurando ser um “bom moço”, fiz, durante anos, esta distinção, após ler todos os documentos do Concílio Vaticano II: uma coisa, dizia eu, são os documentos do Concílio, os quais, em princípio, são bons, e outra coisa são as interpretações que arruinam a Igreja, o chamado “espírito do Concílio”, por não virem do Espírito Santo. Por anos, procurei entender e explicar as coisas desta maneira. Além do mais, como professor de teologia, mestre e doutor em Dogmática, eu era levado a ser ainda mais sereno nas minhas considerações, sem me deixar levar por uma visão apaixonada das coisas. Eu era um conservador e tinha uma visão “moderada” das coisas, como se diz por aí.

Porém, ao considerar melhor o Calvário, a Missa, a salvação das almas e o reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo, percebi algo que está fora da trilha na vida dos membros da Igreja nos nossos tempos, não somente no e a partir do Concílio Vaticano II, mas no próprio rito da Missa promulgado por autoridade do mesmo Vaticano II e noutras realidades pós-conciliares. Não poderia

ser diferente já que o Vaticano II encontra-se envenenado. De fato, o Concílio Vaticano II não está de acordo com o reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo em documentos como “Dignitatis Humanae”, sobre a liberdade religiosa, ou “Gaudium et Spes”, sobre o diálogo da Igreja com o mundo. A revolução não quer que Cristo reine.

O que, de fato, a Igreja ganhou pastoralmente com tantos diálogos e com tanta defesa da liberdade? Talvez, se se pudesse falar de “ganho”, os frutos seriam a dessacralização, o laicismo, a descristianização generalizada das nações, o culto horizontal e fechado num círculo, cujo centro, dizem eles, é o Altar. No entanto, será mesmo o Altar quando até mesmo um crucifixo não desejam que se ponha sobre ele na hora da Missa? Ora, o Altar no qual Nosso Senhor Jesus Cristo foi oferecido ao seu Pai se identifica com a Cruz.

Provavelmente cada um de nós sabe de bispos e padres que ficam muito irritados com uma simples cruz sobre o Altar, especialmente após a “moda Bento XVI” de colocar sobre o “Altar Versus Populum”, um conjunto de castiçais e uma cruz com o Crucificado virado para o sacerdote. Dizem eles que a Cruz impede o povo de ver os dons e o sacerdote, que ela isola o povo do padre. Será mesmo o Altar o centro da celebração ou o povo juntamente com o padre?

Nesta situação totalmente extraordinária, nesta crise sem precedentes, gostaria de dizer a Dom Paulo Cézar e a toda a Arquidiocese de Brasília, assim como a todos os interessados em sabê-lo, que **todos os Sacramentos que administramos aqui na Capela Santo Atanásio são válidos e também lícitos, inclusive os da confissão e do matrimônio.** Nestas situações a Igreja supre aquilo que falta na jurisdição ordinária, conforme rezam as leis canônicas da Igreja (CDC, C. 144), que sempre lutou pela salvação das almas. Por analogia canônica, o que se diz no C. 144 aplica-se aos casos das confissões e dos casamentos, indubitavelmente. Nem as declarações da Congregação para a Doutrina da Fé nem as de Dom Paulo Cézar invalidam ou tornam ilícitos os Santos Sacramentos administrados nos Priorados da FSSPX, nem nas Capelas associadas e amigas da mesma Fraternidade. Certamente é preciso ter fé e ciência canônica para expressar as coisas desta maneira. Nós a temos por graça de Deus e por ciência adquirida nos livros da própria Igreja. Somos católicos e na Igreja Católica estaremos sempre, pois fora da Igreja Católica não há salvação.

O nosso apego à Tradição é tão forte que nem precisamos justificar nossa catolicidade, pois apenas transmitimos aquilo que recebemos. Os senhores, membros da Igreja moderna, é que precisam justificar a catolicidade dos senhores, já que, como fica claro a cada dia que passa e a cada novo escândalo, trabalham à margem da fé católica e contra a fé católica dos nossos antepassados.

Dom Paulo Cézar e demais bispos, é preciso converter-se! Se não, vão perecer todos. Os senhores gostam de falar muito da profecia, da voz profética; pois bem, esta é **minha voz profética: temos que acordar para a Fé Católica!** Os fiéis de todo o Brasil já não aguentam tantas aberrações em questões de fé, de moral, de liturgia, de governo em toda a Igreja. Falo aos senhores com respeito, mas também falo com verdade: precisamos ser católicos! **Suplico à V. Eminência Reverendíssima que assuma as mesmas posições católicas da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, o mesmo peço a todos os bispos do Brasil. Seríamos uma força enorme para destruir as forças do inferno, mesmo que, inicialmente, pareceríamos cismáticos. Não o somos! Lutamos pelo que vale a pena: a Fé católica e a nossa salvação eterna.** Dirão que estou louco por pedir isso aos bispos, e, contudo, milagres existem, e eu creio neles.

Finalmente, digo a todos os católicos da Arquidiocese de Brasília e dos arredores, que aqui, na Capela Santo Atanásio, sempre encontrarão fiéis verdadeiramente católicos que, indubitavelmente, acolherão a todos os que queiram, como nós, ser verdadeiramente católicos. A nossa Capela é pequena, cabe umas 200 pessoas, mas tem coração de mãe; além do mais, juntos trabalharemos para que esta obra cresça. Saibam mais sobre a nossa Capela na página www.santoatanasio.org e no nosso Canal Youtube “Capela Santo Atanásio” (@csantoatanasio).

Esperemos o dia em que a Providência Divina nos dará dias melhores, nos quais **Nosso Senhor Cristo reinará efetivamente e a Igreja Católica se encontrará plenamente restaurada n’Ele**, ao qual seja a glória pelos séculos dos séculos: que Ele nos conceda a benção agora e na eternidade. Assim seja.



Pe. Francoá Costa
Capela Santo Atanásio

Nota à Imprensa:

Pe. Françoá Costa e a Capela Santo Atanásio declaram que aderem às mesmas posições doutrinárias da Fraternidade Sacerdotal São Pio X e, portanto, estão de acordo com as Sagrações Episcopais acontecidas em Êcône, na Suíça, no dia 1º de julho de 2026.

Mesmo diante da Declaração de Cisma e de Excomunhão emitidos pelo Vaticano e da Nota Pastoral de Dom Paulo César Costa e da Arquidiocese de Brasília, que replicam as censuras contra nós, continuaremos as nossas atividades em paz e em comunhão com a Igreja Católica, da qual jamais queremos nos separar.

Algumas considerações segundo o Código de Direito Canônico (CDC): não somos cismáticos nem excomungados, pois entendemos que o estado grave de necessidade (CDC, C. 1323) e a boa fé (CDC, C. 1324), justificam as Sagrações Episcopais sem o Mandato Papal (CDC, C. 1382). Já que não recusamos nem o Romano Pontífice nem a Comunhão verdadeira com os católicos, não estamos em cisma (CDC, C. 751). Sendo assim, já que não incorremos em censura alguma, já que as declarações de cisma e de excomunhão são inválidas, nulas, vamos continuar as nossas atividades, conscientes de que todos os Sacramentos que se administram em nossa Capela são válidos e igualmente lícitos, por analogia canônica de aplicação da jurisdição de suplência (CDC, C. 144).

A nossa atitude nunca será de rebeldia nem de desafio à Igreja, mas de guardar aquilo que nós recebemos: a Fé Católica. Diante dos erros modernos que entraram na Igreja Católica e invadiram a mente e a praxe das autoridades da Igreja, ficaremos com a Fé de sempre, esperando dias melhores que a Divina Providência nos preparará. Quanto aos fiéis que frequentam a Capela Santo Atanásio, entendemos terem os mesmos posicionamentos deste sacerdote que os pastoreia em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Recomendamos a todos que leiam a nossa Carta Aberta aos Católicos de Brasília, publicada no dia 16 de julho de 2026, para entenderem melhor todo o conjunto da batalha que travamos por Deus e pela Igreja Católica. Deus os abençoe a todos.



Pe. Françoá Costa,
Capela Santo Atanásio,
16 de julho de 2026,
Festa de Nossa Senhora do Carmo